



# Batalha Reis e Graça Aranha: captações de um diálogo amigo

Elza Miné

Quando me pus a trabalhar no espólio de Jaime Batalha Reis, depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa, a vaga sensação inicial de uma espécie de “invasão de domicílio”, de um enveredar impune pela intimidade alheia, logo se dissipou. E isto porque tudo me ia levando paulatinamente a crer que, antes dos filhos se lançarem à tarefa de organização dos papéis do escritor, ele próprio de certa forma os preparara para a posteridade. Obedecendo a uma “compulsão documentalista”, com chamei a seu hábito de tudo conservar, juntou anotações, enfeixou organizadamente fichamentos, guardou cartas e rascunhos de cartas, tudo para um dia, talvez, ou simplesmente para os leitores do futuro, como eu mesma.

De início, vale rapidamente lembrar que este homem da geração de 70, membro do Cenáculo, fundador, com Antero, da *Revista Ocidental*, prefaciador das *Prosas Bárbaras* de Eça de Queirós, engenheiro de formação e diplomata de ofício, “tinha um permanente interesse sobre tudo, lia sobre tudo e tinha sobre todos os assuntos idéias próprias”, como anotou Viana da Mota e retomou Marques da Costa num artigo que publicou sobre o escritor (COSTA, 1983). Ambos confirmam a impressão que seu espólio efetivamente nos causa: amplo espectro de interesses configurado em notas, apontamentos, artigos e estudos, acabados e inconclusos, mais inacabados do que efetivamente concluídos, a que se soma preciosa correspondência, trocada com um número expressivo de destinatários diversificados.

A este multifacetado conjunto de interesses não escaparam a literatura brasileira e o português do Brasil. Obras de escritores brasileiros que figuram também no rol de seus correspondentes foram objeto de sua atenção. Entre estes, Graça Aranha; entre essas, *Canaã*.

Tomando por base a correspondência ainda inédita entre os dois escritores<sup>1</sup>, e que se estendeu de 1901 a 1918, procurarei, numa primeira aproximação, captar alguns traços do relacionamento mantido por estes dois “exilados” de circunstância. Tendo ainda em vista as anotações inscritas por Batalha Reis nas margens do romance *Canaã*, procurarei também esboçar alguns direcionamentos do diálogo que entre eles se estabeleceu.

Cartas, se diz, são sempre artificiais. Cartas, já li em algum lugar, podem, assim mesmo, ou apesar disso, constituir-se em privilegiado uso da escrita em sua função de registro da memória e de projeto do futuro. Ora, estas duas funções estão presentes nesta longa troca que perdura por 17 anos, com alguns saltos de tempo mais largos pelo meio. Aos bilhetes, numerosos, de acertos de jantares ou idas à ópera (que ambos apreciavam), testemunhos claros de uma convivência prazerosamente partilhada em Londres, junta-se a celebração da saudade quando passa a existir entre eles a distância geográfica. E resta a memória, memória feliz.

Quando as cartas passam a ser não apenas o complemento do contacto pessoal e direto, ou o instrumento de o viabilizar, mas canal principal e único de comunicação, as antigas alusões ou ressonâncias das longas conversas mantidas sobre literatura, estética, história, espriam-se e desdobram-se em colocações mais precisas e demoradas. É o momento de nos inteirmos, então, mais explicitamente, de impressões sobre trabalhos trocados – comentário do presente e do passado – ou de planos individuais ou comuns – projeto do futuro.

Num e noutro caso, desponta para o leitor uma imagem de cada um dos correspondentes, assim como aquela que mutuamente se fazem. Para Graça Aranha, Batalha Reis é o amigo instigador, o seu *português belicoso*, susceptível, temivelmente irônico. Para este, Graça é um *exuberante*, à semelhança dos demais brasileiros (é esta a qualidade mestra com que Batalha nos define), pouco atento à pontualidade na correspondência, mas sempre um desejado e fiel leitor. O importante é que ambos se confessam, mais de uma vez, *almas irmãs*.

Não esquecer que Batalha Reis, se bem que mais freqüentemente em circuito fechado, pois que boa parte de sua produção permaneceu inconclusa ou inédita, foi um vigoroso agente do “novo”: seja no que se refere à música, à pintura, à literatura. Não advogara de imediato, e no calor da hora, a importância dos impressionistas? Não insistira na publicação de *O crime do Padre Amaro* na *Revista Ocidental*? Não escrevera o prefácio lúcido e agudo das *Prosas Bárbaras*? Por isso, se foi sempre companheiro, muitas vezes funcionou, para a colônia de brasileiros de Londres também como o *mestre*, tal como o chamava diretamente

1. Aguarda publicação a correspondência inédita, por mim preparada, de Jaime Batalha Reis com escritores brasileiros.

Domício da Gama. E é ao *mestre* que Graça Aranha recorre para informações bibliográficas, ajuntando: “Meu amigo, que culpa temos nós da sua sabedoria? Mande-nos a lição”. (16 jan. 1902)

E é a companhia do confrade brasileiro que Batalha requer, quando retido em casa pela *influenza*: “meta-se num cab por conta da Missão especial, e venha até Highgate onde eu lhe dou chá e de jantar, – por minha conta<sup>2</sup>. E aqui conversaremos largamente sobre literatura” (12 fev. 1902). E é também a ele que, ao esclarecer posicionamentos adotados na sua “teoria” de conceber a realização da História, Batalha Reis escrevera em carta de 23 de maio de 1901:

A minha discussão de todos esses problemas parece-me precisa, nítida, absolutamente lógica, axiomática, evidente, irrefutável. Você prestar-me-á um imenso serviço demonstrando-me até que ponto esta minha pretensão é uma mera ilusão pessoal. Tenha paciência. Mas você é o meu primeiro e será provavelmente o meu único Leitor.

Um ano depois, Graça Aranha haveria ainda de se referir a esse texto:

Não preciso recordar-lhe, meu Batalha, que já li a sua Teoria da Arte, a da História e que sei a sua poderosa síntese monística. Publique-se isto hoje, amanhã. Daqui a cem anos, é indiferente. A “raça” já deu em você um fruto original e enorme. (19 mar. 1902)

No final do ano seguinte, lemos ainda, em outra carta:

Um valente abraço pela sua série no *Século*, que V. não deixará de mandar-me à proporção que for sendo publicada. Achei naquele artigo as suas qualidades particularíssimas, a originalidade absoluta, a claridade, a firmeza, a vastidão. (...) Repito que faço questão de amizade a remessa da série.

A correspondência testemunha que se Batalha Reis enviara a Graça Aranha vários textos seus<sup>3</sup>, a suas mãos chegou também, prontamente, em decorrência desse intercâmbio fecundo, o *Canaã* do amigo brasileiro. E não apenas um, mas três exemplares, todos em primeira edição, encontram-se entre os livros de autores brasileiros que integram o espólio de Batalha Reis. Um deles, sem qualquer anotação inscrita, em edição especial, traz a dedicatória:

2. Graça Aranha acompanhou Joaquim Nabuco a Londres na Missão de defesa de nossos direitos no litígio com a Grã-Bretanha acerca da fixação dos limites com a Guiana Inglesa.

3. Textos publicados em *O Século*, Lisboa; textos inéditos da “Teoria da Arte” e da “Teoria da História”; um artigo publicado na *Revista da Real Sociedade Geográfica de Edimburgo* sobre as questões anglo-portuguesas na África. O artigo “Mapa de Andrea Diana e a descoberta do Brasil”, enviado a Graça Aranha, deveria ser depois passado a Joaquim Nabuco.

Ao meu querido J.Batalha Reis, de cujo poderoso e fecundo espírito muito espero para a glória do seu nome e da nossa raça, / lembrança afetuosa do seu / Graça Aranha

com data de *Londres, 14 de março de 1902*; outro, dedicado a Celeste Batalha Reis e um terceiro, sem dedicatória, profusamente anotado, que Batalha já tinha em mãos a 2 de março, pois que, nesta data, escreve a Graça: “Entretanto, leio e anoto *Canaã* desde que sai de Londres. V. saberá o meu juízo, a seu tempo, pela imprensa”.

Isto, no entanto, não ocorreu. Nos artigos publicados em *O Século* (de 1902 a 1904), Batalha nunca abordou o romance, como pude verificar pelo levantamento que fiz e cuja listagem e reprodução parcial constam, como apêndice<sup>4</sup>, da edição do manuscrito já mencionado.

Mas, não há dúvida que, a despeito da não publicação de texto crítico, o contacto com o romance de Graça Aranha fora cuidadoso e atento. A leitura das anotações inscritas nas margens, das primeiras às últimas páginas, registram e testemunham as suas reações e comentários e apontam para preocupações dominantes que orientam sua recepção. Informam-nos, portanto, acerca da perspectiva em que se coloca como leitor e acerca do tipo de leitura que realiza. Sugere-nos ligações com dados colhidos na correspondência e também com o manuscrito *do Descobrimento*, escrito apenas dois anos mais tarde.

Assim é que se a discussão da questão do português do Brasil – a existência, ou não, de uma língua brasileira – constitui uma das linhas de força desse seu trabalho, ela já se mostra como uma preocupação constante na leitura de *Canaã*, em que as anotações de natureza estritamente lingüística são as mais numerosas. Tal como se estivesse fazendo uma revisão, página por página, Batalha Reis vai recolocando, sistematicamente, na posição enclítica, segundo a frase portuguesa, os pronomes proclíticos da sintaxe brasileira, utilizando, para tanto, o sinal convencional para indicação de mudança de posição de vocábulo. Pudemos verificar que muitos dos casos assinalados por Batalha encontram-se efetivamente emendados por Graça, na edição revista. Aliás, Batalha é alertado a respeito, em carta de novembro de 1903: “Não leve para Lisboa os volumes de *Canaã* que estão em seu poder. A segunda edição está a sair; fiz nela muita emenda de forma e hoje teria vergonha de ser lido em Portugal na primeira edição”.

É mesmo plausível que Batalha Reis que, anos depois, criticaria sem meias palavras um discurso de Graça Aranha a ele enviado, tivesse pessoalmente advertido o autor sobre esse ponto.

Batalha assinala ainda, em várias passagens, empregos que lhe causam estranheza, tais como: a supressão do artigo antes do possessivo, o uso dos pronos-

4. Este manuscrito corresponde a sete capítulos iniciais de uma série, projeto amplo, mediante o qual o escritor pretendia apresentar e discutir, pela imprensa portuguesa, a literatura do Brasil.

mes pessoais sujeitos – ele, ela – no início de frases, assinalados como inúteis, parecendo *tradução* (Estes “pronomes dão uma impressão estrangeira de tradução. É esta a impressão que um português sempre tem ao ler o livro de um brasileiro”). Tal observação irá reaparecer entre as muitas notas que são tomadas para a elaboração do *Descobrimento*.

Não deixa também de marcar vocábulos pouco usados em Portugal ou aqueles que se empregam em sentido diferente aqui e lá.

De qualquer forma, estas anotações diretamente ligadas aos aspectos diferenciais que a língua foi tomando nos dois países, do ponto de vista sintático e semântico, ou meramente estilístico (como quando denuncia “para surpresa do leitor ao deparar com um comum emboscado, à espera dele, logo ao sair desta página deslumbrante”), completar-se-ão, na elaboração do já referido manuscrito, por observações de cunho fonológico e se ampliarão no debate da existência ou não de uma *língua brasileira*, candente naquela altura.

Já outras notações de *Canaã* remetem a ordens diferentes de preocupações. São aquelas que se prendem ao registro do efeito global positivo ou negativo produzido no leitor por toda uma passagem, tipo de apreciação essa de cunho avaliativo, em que juízos parciais vão se formulando no percurso da leitura. Como é o caso da anotação constante da p. 138 do romance: “O principal talento do autor é o descritivo. Esta descrição, como todas, é magnífica. O termo próprio, a considerável riqueza de vocabulário”, ou então, em outras passagens: “cena extraordinária; cena pouco natural; muito estranho e também muito inexplicado”.

Ou são, ainda, aquelas que se reportam diretamente à economia narrativa, como quando assinala, à p. 284: “este episódio não está dramaticamente, necessariamente, ligado com a ação do romance”.

Aliás ficam já assinalados por Batalha Reis os graves desequilíbrios na estrutura da obra” que seriam, posteriormente, apontados pela crítica brasileira<sup>5</sup>. Alinhando-se com ela, Batalha censura, no romance, a priorização excessiva dos temas favoritos de *política, sociologia, filosofia*, para anotar, mais para o final:

O que levou a fazer esta obra de arte foi um ponto de vista diferente da arte – O autor propôs-se provar, mostrar certas doutrinas. Isto salta a cada momento – é assim, um livro da família do *Telêmaco* de Fenelon, da *Virgem da Polônia*.

Numa terceira ordem, as anotações que correspondem ao diálogo que o leitor Batalha Reis estabelece com os pontos de vista conceituais, doutrinários, ex-

5. Refiro-me especialmente a Alfredo Bosi e Roberto Schwarz

pressos no romance e que geram comentários do tipo: “Esta é a teoria da História do Autor. O brasileiro é interessado nela”.

Aqui chegados e examinando-se conjuntamente as anotações inscritas nas margens do romance e as afirmações contidas na correspondência, pode-se constatar, de um lado, diferenças de perspectiva que explicam observações do tipo: “que ilusão!, que imensa ingenuidade enche este livro!”, e, de outro, o muito que os dois amigos tiveram em comum.

Nesse sentido, apontaríamos, em primeiro lugar, a filiação monista reafirmada por Batalha Reis em carta de 1901: “a minha filosofia é sem dúvida um *monismo* e um *fatalismo* negando categoricamente a possibilidade absoluta de *Liberdade* e *Responsabilidade* humanas. E é certo que nem eu nem sequer o Ludwig Noiré, que V. me citou, inventamos estas duas doutrinas”.

Em segundo lugar, a preocupação com a Estética, patente, por exemplo, em Graça Aranha, na conferência da Semana de Arte moderna e depois na revista *Estética* e, em Batalha Reis, permeando todas as suas leituras, estudos e reflexões sobre diferentes manifestações da arte: pintura, música, literatura.

Em terceiro, a precedência dos interesses intelectuais e estéticos às questões sociais, explicitadas por Graça Aranha na correspondência, quando, dando contas ao amigo de como encontraria de volta o Brasil, em 1905, diz:

Dentro deste quadro (americanização, preocupação com a política e engrandecimento natural) não há lugar absolutamente para as preocupações de ordem superior – intelectuais e estéticas. No entanto há uma velha inteligência brasileira, muito literária, muito penetrante e fina. Mas ela se retrai e impressionada pelo ambiente vive e se agita segundo as vibrações deste. Os homens inteligentes aqui só falam de política – e as questões sociais, que nós reputamos secundárias, são para os nossos pensadores reputadas primárias e capitais.

Tal precedência vê-se também reiterada em anotações de Batalha Reis ao romance e por ele reafirmada claramente nos artigos de *O Século*. Como resultado, para ambos, a adoção de uma “filosofia de vida eminentemente estética e contemplativa”, usando os mesmo termos em pregados por Alfredo Bosi com relação a Graça Aranha.

Apontaríamos, por fim, a sensibilidade às formas e cores, de que decorre, em *Canaã*, a realização artística das sensações e impressões, como o mostrou José Carlos Garbuglio na obra *O universo estético-sensorial de Graça Aranha* (1966) e, em Batalha, além da recepção privilegiada de tal aspecto no romance, configurada pelas anotações, também evidente nas constantes manifestações a respeito no *Século* e, já antes, em 1897, numa conferência pronunciada na Goethe Society de Londres: “A essência da Arte”.

Não é, portanto, meramente retórica a afirmação de Batalha em carta ao amigo brasileiro, em 1905: “V. É o único homem que parece tomar inteiramente a sério as minhas idéias e concordar com elas sem restrição alguma, no que elas têm de mais novo e mais original ou porventura de mais excêntrico (...) V. é pois o meu único correligionário”.

Idéias partilhadas e interesses comuns os encaminharam, assim, à elaboração de projetos também comuns. É o caso do estudo sobre Almeida Garrett que Batalha não chegou a concluir e que deveria integrar a coleção da Garnier “Literatura portuguesa e brasileira: obras e escritores”. O texto do projeto editorial de tal coleção (1905) é de sua responsabilidade e revela um forte desejo de empreender publicações que reunissem, unificadas pela língua comum, produções portuguesas e brasileiras.

Este mesmo sonho reaparece, treze anos mais tarde, nas cartas de 1918, quando Graça Aranha pensa editar uma revista em língua portuguesa em Paris e Batalha, além das muitas sugestões de colaboradores, com indicação dos temas que poderiam abordar (Antonio Arroyo, Adolfo Coelho, Carolina Michaëlis, Antonio Sérgio, José de Figueiredo, Alfredo Bensaúde, Anselmo de Andrade e ele próprio), faz várias considerações de caráter editorial e lembra ao amigo: “Um dos objetos mais importantes duma revista como a sua deve ser a renovação, pela crítica, da produção intelectual portuguesa e brasileira”.

Para o exercício dessa crítica, o critério veementemente advogado é, como já apontado no manuscrito *O Descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX*, o de que ela escape ao verrinoso ou laudatório mas sempre tacanho provincianismo e se pautar por critérios internacionais, dimensionando assim, também, internacionalmente, as produções que têm por pátria a língua portuguesa.

Testemunho de um diálogo, esta longa troca epistolar fez aparecer diante de nós, encarnados e muito próximos, os amigos dos dois lados do Atlântico, com seus modos de pensar a literatura e a crítica e de se colocar diante da vida e da arte.

Testemunho de um diálogo, as anotações inscritas por Batalha Reis nas margens de *Canaã* possibilitaram-nos flagrar, em processo, alguns vetores que impulsionaram a recepção de uma obra literária brasileira por um leitor português, nessa perspectiva de leitora da leitura em que nos colocamos.

E, ao terminar estas breves captações deste diálogo amigo, até agora inédito, e que muito diz de seus interlocutores, gostaria de emprestar de Graça Aranha as últimas palavras:

O fato de não lhe ter escrito até agora explico a mim mesmo como uma prova de uma ligação especial e superior entre nossos espíritos. (Não ria, Batalha). Para escrever-lhe pre-

cisava de entrar na posse de mim mesmo, deixar o tumulto que ainda atravesso para firmar com V. essa correspondência sumamente intelectual e sentimental que é toda a minha aspiração. (...) V. sabe muito bem a amizade que lhe tenho e a importância capital e decisiva que da sua convivência resultou para mim. (...) devo a V. um dos maiores benefícios da minha existência, o de ter alargado a órbita do meu pensamento, e o de me ter feito pensar sobre o que eu não pensava... Esta é a minha imensa gratidão ao Pensador. Ao homem de coração, V. sabe que dei desde o meu primeiro encontro – o meu coração.

## Referências bibliográficas

- COSTA, Fernando Marques. Sobre um possível Jaime Batalha Reis e Tábua biocronológica de Jaime Batalha Reis. *Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa. 3(1-2): 129-51, 1983.
- REIS, Jaime Batalha. *O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX*. Org., pref. e notas de Elza Miné. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

